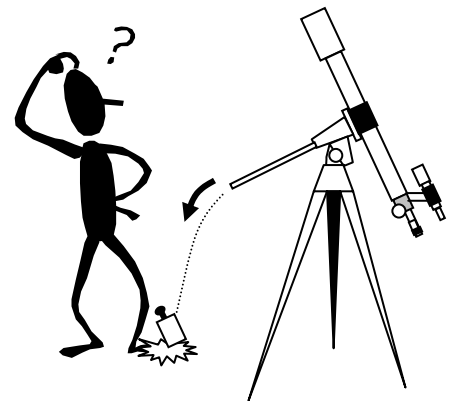


Histórias de astronomia e astrónomos amadores (parte 3)

Coordenação de Guilherme de Almeida

Continuam-se nesta terceira parte as histórias reais de astronomia e astrónomos amadores, contadas por quem as viveu. Agradeço desde já, aos respectivos autores, o envio destas histórias tão interessantes. Veja também a parte 4 (e última) desta série de artigos.



1. O telescópio ao serviço da lei

Numa das noites de astronomia de Verão, na praia de Mira, tinha chegado um bocado tarde e comecei a montar o material (*Konus 114*) para ainda assim mostrar alguma coisa aos poucos turistas que deambulavam muralha fora.

Eis senão quando, surge um jipe da GNR e eu vejo-o a parar e fazer marcha atrás. Pensei logo: “Estes já me vêm chatear“. Para grande espanto meu vejo surgir cinco elementos armados de G-3, a andar na minha direcção. Perante todas as pessoas atónitas, os agentes perguntaram-me simplesmente se o “aparelho“ dava para ver pontos de luz ao longe. Respondi logo que esse era o objectivo do “aparelho“, pois estava a pensar que eles queriam ver as estrelas. Mas as intenções revelaram-se quando um dos agentes me pediu para apontar o telescópio para um barco suspeito que se encontrava na linha de costa.

Fiquei mais tarde a saber que dois guardas novatos na praia, tinham considerado que o barco fazia movimentos suspeitos e logo traficava, pelo que deram o alarme geral. Enquanto esperavam pelos binóculos de infravermelhos da Guarda Fiscal de Aveiro, apanharam-me a mim e ao “aparelho“.

David Nunes (Mira)

david.nunes@oninet.pt

2. Água na Lua

No mesmo observatório da história anterior apareciam frequentemente visitantes. A minha tarefa (voluntária) era servir de guia. Certo dia, no Inverno, o dia tinha estado até relativamente quente. Ao anoitecer aparece por lá um casal com dois filhos. Já estava quase escuro. Mostrei as instalações e os telescópios. Como o maior telescópio já estava a descoberto, em fase de adaptação térmica, os filhos do casal perguntaram se podiam ver alguma coisa. O único objecto acessível naquele momento

era a Lua. Apontei o monstro e disse aos visitantes, que, para além de os espelhos ainda não se terem adaptado (a estabilidade atmosférica era mesmo má). Expliquei que a atmosfera não estava muito favorável naquela noite, mas sempre era uma vista espectacular para quem nunca viu a Lua através de um telescópio. Primeiro observaram os pais, depois os filhos. Quando chegou a vez do filho mais novo, ele disse: "Afinal o pai tinha razão, há água na Lua. Olhem estas crateras. Estão submersas e mexem-se como peixes na água."

Grom Matthies

grom@ip.pt

3. Pormenores de binóculos

Uma vez fiz umas observações no Alentejo, perto de Odemira. Após alguns dias travei conhecimento com um jovem agricultor da zona (analfabeto). Um dia, em conversa (durante o dia), mostrei-lhe um binóculo. O jovem observou através dele e ficou espantado, pois reparou que via tudo mais perto. E depois perguntou: "e então isto gasta muitas pilhas?".

É uma situação caricata, não porque o senhor não conhecesse um binóculo, não pela pergunta, mas pela forma como um País conseguiu deixar esta região abandonada em termos educativos e culturais.

Luis Ribeiro (Azambuja/Ferreira do Zêzere)

4. O poder de mover a Lua

Estávamos na Ilha de Faro, a fazer as sessões da Astronomia na Praia (futura Astronomia no Verão), da responsabilidade do Clube de Astronomia da Escola Secundária Pinheiro e Rosa, quando tivemos uma peripécia engraçada que passo a referir (eventos relatados por mim mas vividos por todos os membros do Clube).

Havia uma jovem senhora, estudante de qualquer coisa, que ia a todas as nossas sessões e mostrava-se muito interessada nos assuntos de Astronomia. Isto era o que ela dizia...(...) A pouco e pouco acabámos por descobrir que ela se interessava mais pelos fenómenos OVNI, e demais parafernália de credices que orbitam em torno da Astronomia, do que outra coisa. Numa dada noite, tínhamos um telescópio a apontar para a Lua, sem motor. Um dos jovens do clube estava por perto e ia perguntando às pessoas se estavam a ver bem ou se a Lua "já tinha saído do sítio" e fazia os acertos necessários para "a pôr no lugar". Quando isso aconteceu na vez da tal rapariga, ela afastou o olho da ocular, levantou a cabeça, deu lentamente dois passos para trás enquanto exclamava com ar esgazeado, levando a mão à cabeça e esfregando-a com ar de completa consternação: "Vai mexer na Lua...? Como é que vai mexer na Lua?"

Ana Carla Campos

(ana_carla_campos@hotmail.com)

5. Astrónomos amadores e contrabandistas

Em 1996 numa sessão de observação nocturna, com alunos meus, na praia da Costa Nova, fomos abordados por um jipe da GNR que nos perguntou o que estávamos ali a fazer. Pensavam que andávamos no contrabando. Certo, certo é que, umas noites depois, no mesmo sítio e noutra sessão de observação, lá andavam os contrabandistas a transportar caixas da praia. Passavam por nós a 15 ou 20 metros de distância, mas não perturbaram ninguém. Nós também nada dissemos.

José Augusto Matos (Fermelã)

zematos@mail.telepac.pt

6. Os perigos do eclipse

No eclipse parcial do Sol de 11 de Agosto de 1999, na praia da Barra, estive com várias pessoas a observar o eclipse com telescópios. Um homem, depois de observar e ter gostado do que viu, fez-me esta pergunta com ar preocupado: "Então agora, já posso ir para a praia? Não há perigo?"

José Augusto Matos (Fermelã)

zematos@mail.telepac.pt

7. O longínquo Saturno

Uma noite estive a mostrar Saturno a várias pessoas. A noite estava amena e a atmosfera permitia imagens excelentes através de um telescópio de Newton *Mizar* Tal-1, de 110 mm. Uma após outra, as pessoas iam observando. A sua satisfação era grande e podia medir-se pelas palavras de admiração que pronunciavam enquanto mantinham o olho junto à ocular. As expressões mais frequentes eram "magnífico", "impressionante", "espectacular", "maravilhoso", "lindo", e até mesmo ... "fixe".

A certa altura, um senhor mais curioso, depois de ter observado pelo telescópio, olhou para o céu e pediu para eu lhe apontar a



posição do planeta. Disse-lhe então que Saturno era aquele “ponto” relativamente brilhante, de cor dourada, “quase ao lado daquela estrela ali”. Surpreendido, perguntou: “mas vê-se a olho nu ?? Pensei que só se conseguia ver com telescópios !”.

Outro aspecto curioso resultou do facto de algumas pessoas, ao chegar junto do telescópio (de Newton), tentarem espreitar “através” da parte de trás do primário (como se fosse uma luneta).

Guilherme de Almeida (Lisboa)

g.almeida@netc.pt

8. Estrelas de bolso

Há uns anos fiz uma consulta de opinião ao público no centro da cidade de Hagen, na Alemanha (na antiga RFA) a mais de 500 pessoas. Essas pessoas eram de todas as idades, a partir dos 16 anos, e de várias camadas sociais. Entre algumas perguntas do tipo “escolha múltipla” havia duas que eram mais ou menos estas: 1–Qual é o tamanho real de uma estrela?; 2–A que distância da Terra se encontram as estrelas?”.

Das quatro opções propostas para a pergunta n.º 1 (punho fechado, laranja, Lua, centenas ou milhares de Luas), uma incrível percentagem (mais de 50%) optou pelo tamanho do punho fechado. Na pergunta 2 mais de 50% das pessoas optou por uma distância pouco superior à da Lua.

Grom Matthies

(Sintra) grom@ip.pt

9. Estrelas e grãos de areia

Uma vez numa sessão de planetário explicava aos miúdos que o n.º total de estrelas no Universo (qualquer coisa como 10 sextiliões) é mais ao menos

igual ao n.º de grãos de areia de todas as praias da Terra. Pergunta de um: “Vocês também estão a contar com a areia do rio ou é só com a areia do mar?”

José Augusto Matos (Fermelã)

zematos@mail.telepac.pt

10. O projector

Durante uma das sessões que (eu e a minha mulher) realizámos na praia do Pedrógão, havia, em simultâneo e por coincidência, um concerto dos *Santos e Pecadores*. O palco do referido espectáculo ficava apenas a 50 metros de distância do local onde ficávamos habitualmente. Como a actuação só estava programada para começar depois do fim da nossa sessão, lá começámos a montar o telescópio. Tirei o tripé do carro e montei-o. Em seguida tirei a caixa do LX200 10” e levei-a para junto do tripé. Entretanto, algumas pessoas que estavam perto foram-se aproximando para ver o que se estava a passar. Abrimos a caixa do telescópio e com algum esforço coloquei-o em cima do tripé.

Entretanto, o pessoal estava cada vez mais curioso e os palpites acerca da utilidade de tão estranho aparelho começaram a chover. Ligo os cabos ao telescópio, o telescópio ao carro, retiro a tampa do corrector e aponto o telescópio para cima. Eis quando alguém, entre mais de cem pessoas que nos rodeavam, grita: “Ahh! É um projector para iluminar o palco!”. E nisto, todos se afastaram, pois um projector é uma coisa banal que não tem qualquer interesse, ficando nós os dois a olhar um para o outro. É claro que durante o resto da sessão tivemos de andar a chamar as pessoas e a explicar que aquele “projector” era afinal um telescópio e servia para ver o céu e não para iluminar o palco.

Paulo de Almeida (Vieira de Leiria)

almtree@astropor.com



11. O último dos geocentristas

Houve uma noite em que eu, também na Praia, estava a mostrar a Lua e falava com um grupo sobre os avanços da tecnologia que tinham proporcionado ao Homem viajar no Cosmos, quando surge um senhor a dizer que não acreditava nisso. Já não sendo o primeiro caso que me surge, aceitei a opinião dele mas disse-lhe que gostava de saber o porquê dessa opinião. Perante opiniões divergentes, e depois de um breve diálogo de que naturalmente já não me lembro com exactidão, disse-lhe que provavelmente ele também acreditava que a Terra era o centro do mundo.

“E é”, respondeu ele. Eu confesso que perante esta resposta não soube se chorava, se desistia ou se lhe chamava maluco. E ele adiantou mais, afirmando ainda: ” Eu tenho em casa livros que o dizem” .

Eu desta parte não me esqueço!

Com um ar sério e de quem admite a derrota, perante a risada de algumas pessoas, pedi-lhe:

—Eu amanhã estarei aqui outra vez. Não se importava de me trazer esses livros para eu ver?

— E trago, são livros muito antigos!

— *Ai são ?* Olhe, então compre uns novos, mais modernos. É que essas teorias que você leu já há muito que foram alteradas.!

David Nunes (Mira)

david.nunes@oninet.pt

12. Os astros e senso comum

Uma noite, também na Astronomia no Verão, enquanto eu estava a orientar o telescópio e a gerir a fila de observadores, uma das pessoas que já tinha observado chegou perto da minha mulher e perguntou-lhe porque é que nuns dias havia Lua e noutros não, e porque é que a Lua não estava sempre cheia. Ouviu a explicação atentamente, mas quando a minha mulher referiu que a Terra rodava em volta do Sol, disse: “*Essa não. Está enganada! Não é a Terra que gira em volta do Sol, mas o Sol que gira em volta da Terra. Eu bem vejo todos os dias ele a avançar no céu. Se fosse como diz, como é que havia noite?*”. A minha mulher olhou desesperada para mim, e lá foi explicando os movimentos da Terra e a razão porque havia noite e dia embora o Sol estivesse sempre no mesmo sítio. No final, esta pessoa disse “*Ah, assim já percebo. Tem lógica. E explica outra coisa que sempre me fez confusão... as marés! Agora percebo que quando a Terra roda, a água vai toda para a parte de baixo e por isso é maré baixa. O que não continuo a perceber é como é que ficamos de cabeça para baixo e não damos por isso!*”. Não vou descrever o resto da conversa, que acabou quase 1 hora depois, com a minha mulher completamente desesperada para tentar explicar da forma mais simples as coisas que todos damos por certas.

Paulo de Almeida (Vieira de Leiria)

almtree@astropor.com

